

## Arte e Justiça - XVII

### (In)Justiça de Gunduz Agayev

Gunduz Agayev é um desenhador de cartoons natural do Azerbaijão conhecido pelos seus trabalhos que reflectem a realidade, muitas vezes de um modo que tem tanto de divertido como de chocante. No seu recente projecto, que corre mundo, *Femidead*, Agayev trata da morte da Justiça no mundo, da opressão e da violência que a deusa grega da justiça - *Themis* –sofre nas mãos dos líderes mundiais. *Holy Selfie*, por seu turno, é um trabalho no qual Agayev faz uma abordagem satírica do abastardamento da religião e do sentido fundamentalista que alguns dão à mesma nos dias de hoje. Nem a polícia escapa às suas ilustrações, pelo menos aquela dos países onde os direitos humanos são violados com maior regularidade, como a Rússia, a China, a Turquia, o Sudão, etc, mas também noutros menos previsíveis como a Grã-Bretanha ou os EUA.

Nas imagens infra indicadas temos representadas duas situações relativas aos EUA.



Vemos um avião de combate a largar bombas, com a particularidade do avião ter acoplada uma balança e uma espada, ambos símbolos da Justiça. A balança representa a igualdade, a justiça não pode tolerar que “haja mais peso num prato do que no outro”. Ou seja, ninguém é, aos olhos da justiça, preferido, preterido ou influenciador ou preponderante. A espada é alusiva à ideia de imperatividade, de coercibilidade, de poder decisório, de força executiva. Os EUA são uma potência militar à escala global, com intervenções várias no Afeganistão, no Iraque, no Paquistão, na Líbia, na Síria, etc muitas vezes não isentas de críticas, quer na sua génese quer ainda no seu modo de acção. Será intervenção necessária, em todos os casos? E nos moldes em que se actua? Ou apenas aceitamos que é tudo justificável ou desculpável, aceitando como explicação o exercício da “Justiça”?

A imagem da esquerda retrata os episódios da morte de vários afro-americanos nas mãos da polícia. Um polícia aponta a arma a um rapaz que, não tendo a “sorte” de ser caucasiano, aparenta estara fazer algo tão inocente como jogar baseball. Veja-se que na

sequência dos ataques recentes ocorreram manifestações com milhares de pessoas nas ruas de Nova Iorque, Los Angeles e Chicago com uma inusitada escalada de violência em reacção às actuações policiais. Mais, verificaram-se mesmo actos de barbárie com o abate de cinco polícias em Dallas (Texas) que foram mortos em serviço quando protegiam os manifestantes. A ONU fez já pressão sobre os EUA para fazerem investigações profundas sobre os casos em apreço, até para prevenir situações futuras.

Medidas de reacção a este tipo de horrores são de facto urgentes, sobretudo por parte da comunidade política, mas não só: cabe a cada um de nós marcar a diferença. Gunduz fê-lo de modo impactante no seu desenho onde um polícia de raça negra, daí a sátira, aponta a arma a outro jovem também de raça negra.

A Síria é também alvo das tintas e dos dotes do artista, não deixando de lado a gravidade dos actos e os comportamentos repulsivos do auto-proclamado Estado Islâmico.



A situação dos direitos humanos na Síria é arrepiante, tendo sido classificada pela Human Rights Watch, em 2010, como "das piores do mundo." Aniquilamentos, detenções arbitrárias, torturas e desaparecimentos são situações generalizadas pelo país presidido por Bashar Al-Assad. É apresentado Assad como manipulando e violentando "a Justiça" e controlando-a totalmente, estando na imagem completamente submissa. Mas, pior, ao mesmo tempo que é vítima dos abusos, sevícias e controlo de Assad

"a Justiça" é brutalmente decapitada e exibida por um terrorista, presumivelmente pertencente ao ISIS. O ISIS tem atacado em força as tropas sírias e conquistou já várias bases militares no país. No entanto, o combate ao Estado Islâmico não tem sido a prioridade do Governo de Assad. Enquanto faz o que deseja com a "Justiça" Assad não parece tomar nenhuma atitude mais séria e eficaz quanto ao grupo radical em questão.

Na imagem da direita, Gunduz retracts o auto-proclamado Estado Islâmico, em particular a sua violência, violência que é base da propaganda e da instilação do terror. Um terrorista de cara parcialmente tapada, carregando uma arma automática, prepara-se para decapitar um ocidental com uma navalha, mas não sem antes tirar uma *selfie*, algo

que parece também agradar até ao futuro defunto como se o mal fosse também um álibi para o Ocidente. Como infelizmente sabemos este grupo terrorista leva a cabo uma autêntica campanha de propaganda de massacres, espalhando o medo e aterrorizando tudo e todos, não apenas no seu teatro de operações mas também em operações kamikaze.

No caso parece ser motivo de orgulho o homicídio de um turista capturado, que por sua vez se preocupa em ficar bem naquilo que é a sua última fotografia. Por um lado temos a violência desmesurada do ISIS e a sua propaganda e por outro a futilidade do Homem e a sua fé numa reviravolta sem esforço.

Outro país famoso por não respeitar os Direitos do Homem é a Coreia do Norte. A Human Rights Watch acusa a Coreia do Norte de ter um dos piores registos do mundo de violações destes direitos. Oficialmente a República Popular Democrática da Coreia é liderada pelo governo de Kim Jong-un que exerce controlo sobre muitos aspectos da cultura do país de modo a perpetuar o culto da sua personalidade, algo que acontecia já com o seu avô, Kim Il-sung .

Um militar dirige as suas rezas, não a um Deus, mas a Kim Jong-un, o querido líder. Desertores norte-coreanos, testemunharam a existência de campos de concentração e reportaram torturas, fome, estupros, assassinatos, experiências médicas em humanos, trabalhos desumanos, famílias destroçadas e abortos forçados. Ainda assim, fruto da incrível manipulação da informação, Kim Jong-un é por muitos adorados e venerado, como se fosse um Deus e como encarnação de uma filosofia de vida, como é o Budismo.



Na imagem da direita temos Kim Jong-un “mascarado de Justiça”. Os olhos vendados caracterizam que a Justiça é cega, e a balança, por sua vez, que é imparcial. Na imagem o grande líder brinca com Justiça, rindo-se com a balança de um só prato e com o seu arsenal militar. Kim Jong-un faz da Justiça a sua justiça, é ele que decide quem é culpado ou inocente, o que é justo e injusto. O único prato na balança é o dele; caso não se concorde ele fará uso da força, inclusive da força nuclear. Não admira que a Coreia do Norte seja internacionalmente apelidada como um Estado patrocinador do terrorismo.

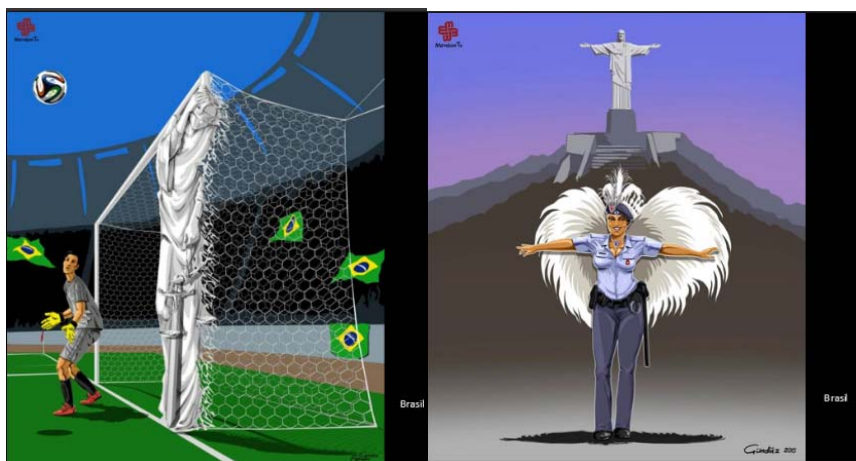
Também a Turquia têm sido objecto de muita controvérsia e condenação internacional no que toca aos Direitos do Homem, particularmente por violações do direito à vida e pelo uso de tortura. O historial da Turquia em matéria de direitos humanos continua a ser um obstáculo significativo à eventual adesão à União Europeia. Não é apenas a questão dos curdos, mas também, agora, a perseguição, a prisão e a tortura para todos quantos tenham ideias diferentes do Presidente.



A justiça é de novo retratada como vítima, agora de agressões físicas, do governo de Erdogan, Presidente da República desde 2014. Erdogan tem um mandato marcado pela expressa e virulenta "censura" à liberdade de imprensa, controlando o maior jornal do país e retirando a carteira profissional a uma série de jornalistas. Mesmo sendo a liberdade de expressão e de imprensa direitos fundamentais da UE, para Erdogan, essas questões são "obstáculos irrelevantes". A própria igualdade entre homens e mulheres, que hoje temos como uma verdade factual, é rejeitada pelo Presidente turco, tendo afirmado que tal é "contrário à natureza" das coisas.

A própria polícia é subjugada e dominada pelo governo. Veja-se que criticar o líder do país é crime. Depois da tentativa falhada de golpe de estado, Erdogan fez uma autêntica limpeza nas magistraturas e nas autoridades, mandando prender todos os que não conseguia controlar, porque simplesmente eram independentes, desde juízes e procuradores a generais e almirantes. As forças policiais têm que ser obedientes às suas ordens e moldáveis aos seus pedidos, caso não o sejam serão afastadas, perseguidas ou encarceradas. São como que marionetas sendo Erdogan quem está por trás da tela.

Por vezes não é necessário recorrer ao culto da personalidade e à limitação da liberdade de imprensa para acalmar, manipular, as massas ou iludi-las.



O Brasil sofre actualmente uma enorme crise económica. Os níveis de corrupção são alarmantes, custando quase quatro dezenas de milhares de milhões de dólares por ano. Ainda assim o Brasil candidatou-se para receber e organizou os Jogos Olímpicos em 2016, o maior evento desportivo do mundo, com os custos inerentes. O Estado do Rio de Janeiro foi forçado a decretar "estado de calamidade pública" para conseguir pagar as obras finais para a realização dos Jogos Olímpicos, que arrancaram em Agosto, e garantir serviços públicos básicos à população. A restrição de crédito, a inflação galopante e as inúmeras manifestações não foram suficientes para dissuadir a realização dos Jogos. A Justiça faz de posto na baliza dos jogos, como pintou Gunduz Agayev.

Apesar da falta de credibilidade do governo brasileiro, o povo brasileiro é conhecido pela sua boa disposição, particularmente visível na altura do Carnaval. No entanto passada esta festa, é quase certo que o desespero se instale por completo. O Brasil criou uma espécie de colchão financeiro para as pessoas que são despedidas e por isso, os reflexos nefastos do desemprego ainda não se fizeram sentir na sua plenitude, como escreveu Alberto Valle no seu *Crise económica de 2016*, in Empreendedores Web. Quando da impossibilidade de recolocação destas pessoas no mercado, no fim previsto do tal colchão, o povo Brasileiro verá a sua situação económica no limiar da catástrofe. Até lá, esperemos que se continue sambando. E, já agora, limpando de permeio a teia de corrupção e compadrio que se montou, e perdurou em muito, entre políticos e empresários, em prejuízo do povo, da transparência e do desenvolvimento.

O princípio da igualdade foi o principal argumento para permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo, juntamente com a autonomia privada. A Holanda foi o primeiro país do Mundo a permitir o casamento entre casais do mesmo sexo, em 2000. Na imagem vemos retratados dois polícias com as mãos dadas revelando que de facto os Países Baixos estiveram e estão ainda na vanguarda dos direitos dos homossexuais. Portugal por sua vez só em 2010 permitiu o casamento entre pessoas do mesmo sexo, tendo o Tribunal Constitucional considerado que a não consagração do casamento entre pessoas do mesmo sexo não é atentatória do princípio da igualdade, massim uma mera

opção político-legislativa. Entretanto, e também em Portugal, só já em 2016 foi permitida a adoção em termos similares.



*Holy Selfie* é um trabalho algo *mais leve*, focando-se o autor na moda das *selfies*. Algo tão frívolo e tão crucial ao mesmo tempo, porque sinal dos tempos que vivemos em que a vaidade e o ego imperam.



Nos casos estamos perante dois sujeitos que tiram fotos captando o momento das suas rezas.

A prática de tirar *selfies* ganhou popularidade a nível global. Todos as tiramos, sejamos ateus, sejamos agnósticos, sejamos cristãos, sejamos judaicos, sejamos muçulmanos. Mas porquê? Hoje em dia, com avanços tecnológicos e a possibilidade de compartilhamento muito mais ao alcance das nossas mãos, partilhamos cada vez mais da nossa vida, da nossa intimidade e do que fazemos, quando o fazemos e com quem fazemos. Onde fica a privacidade? Será uma questão de auto-afirmação nas redes sociais? Postamos para mostrar e para sermos vistos; a ideia de tirar fotografias em papel para nos lembrarmos no futuro está hoje ultrapassada, é memória cada vez mais longínqua.

A web possibilita a disseminação da nossa imagem virtual, não do que somos e fazemos, mas do que gostaríamos de ser e de mostrar, que muitas vezes é algo bem diferente da vida real. Dá-nos a sensação de máscara, de controlo, mostramos o que queremos, escondemos o que não queremos, fazemos uma espécie de auto-publicidade, mostrando que conseguimos ser contínua e crescentemente obcecados com a nossa (por vezes falsa e quantas vezes deturpada) aparência. Nos dias de hoje, não é só fazer que vale, importa também mostrar que se faz. Mesmo que o que se faz nada valha.

Assim termina esta nossa viagem pelo trabalho de Gunduz Agayev.

Francisca Faria Lopes